

As melhores charges sobre economia da 'New Yorker'

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Reunidas em livro, cartuns registram as mudanças da relação humana com as finanças. Charge da revista "New Yorker" na década de 1950 - Divulgação RIO - Para a revista "New Yorker", dinheiro é uma preocupação secundária. Quem garante é Malcolm Gladwell, repórter da publicação há duas décadas, na introdução de "A graça do dinheiro: as melhores charges da New Yorker sobre economia (1925-2009)", recém-lançado no Brasil. Apesar de estar localizada hoje a 15 minutos a pé de Wall Street, coração financeiro mundial, a revista costuma abordar o assunto com um viés "antropológico", na definição de Gladwell. Assim, vistas em conjunto, as charges da "New Yorker" sobre o tema — irônicas e, não raro, ácidas — formam uma crônica da relação dos americanos (mas não só deles) com o dinheiro. Gladwell divide os seres humanos em dois tipos: "Pessoas desejosas de que o mundo se adeque aos princípios empresariais são Realistas. Aqueles que pensam da maneira oposta — isso vale tanto para os que passam seus dias analisando sonetos ou livros-caixa — são Românticos". É com essa "postura Romântica", que o jornalista considera a mais engraçada, que a revista aborda assuntos áridos como falências, hiperinflação e especulação imobiliária. Uma charge publicada no fim da década de 1920 ilustra bem essa perspectiva. Uma senhora elegante encontra um mendigo e pergunta se ele também quebrou por causa do crash de 1929. A resposta é desconcertante: "Não, senhora, eu sou mendigo mesmo". Organizador do livro, Robert Mankoff, cartunista e editor de charges da "New Yorker" desde 1997, concorda com a definição de Gladwell sobre a relação da revista com o mundo das finanças. Uma seleção das melhores charges da "New Yorker" sobre economia Charge da revista "New Yorker" na década de 1930Foto: Divulgação Charge da revista "New Yorker" na década de 1940Foto: Divulgação Charge da "New Yorker" na década de 1960Foto: Divulgação Charge da revista "New Yorker" na década de 1970Foto: Divulgação Charge da revista "New Yorker" na década de 1980Foto: Divulgação Charge da revista "New Yorker" na década de 1990Foto: Divulgação 1 de 6 Anterior Próximo — Eu concordo com qualquer coisa que Malcolm diga. Ele é mais inteligente do que eu. E mais rico — diz um bem-humorado Mankoff, em entrevista ao GLOBO por e-mail. — A revista acredita que os problemas do mundo são sérios demais para não serem tratados com humor. As charges mostram que a "New Yorker" tem um senso de humor no sentido mais amplo. Por isso, é capaz de fazer piada das ambições e fraquezas de seus leitores. Os cartunistas da revista não são funcionários, mas colaboradores. Toda quarta-feira, novatos e veteranos fazem fila na porta da sala de Mankoff para mostrar seus desenhos e convencê-lo a escolher ao menos um. Em geral, trata-se de uma reunião rápida, em que o editor faz comentários sobre as charges, tira dúvidas e aponta alguns elementos que podem ser mais trabalhados pelos artistas. Contudo, ser escolhido por Mankoff é apenas o primeiro passo para ser publicado. — Quem decide o que vai para a revista é David Remnick, o editor-chefe. A cada semana, eu escolho cerca de 50 charges entre as centenas que são apresentadas. Eu não procuro especificamente por charges de economia. Busco algo engraçado ou inteligente ou excêntrico que expresse a sensibilidade única do cartunista. Uma vez que um desses elementos esteja contemplado, melhor ainda se a charge é sobre dinheiro, dívidas, finanças, Wall Street, banqueiros etc. — explica Mankoff. Para o editor, as charges são o melhor registro das transformações pelas quais o mundo passou desde 1925, quando a "New Yorker" foi fundada. — Na verdade, nada na cultura popular reflete com mais precisão o que se passa na cabeça das pessoas em determinada época do que o humor dessa mesma cultura na mesma época — defende o cartunista e editor.



"Olha só, é o Prescott! Será que ele sabe alguma coisa que não sabemos?"

Charge da revista "New Yorker" na década de 1950

